

Pesquisa em Debate

INICIATIVAS LOCAIS DE FILANTROPIA E INCLUSÃO CULTURAL: UM ESTUDO DO BAIRRO DO IPIRANGA¹

LOCAL INITIATIVES FOR PHILANTHROPY AND CULTURAL INCLUSION: A STUDY OF THE NEIGHBORHOOD IPIRANGA

Marília G. Ghizzi Godoy

Doutora em Psicologia Social pela PUC e professora da Universidade São Marcos

Lincoln Etchebehère Junior

Doutor em História pela USP e professor da Universidade São Marcos

Rosemari Faga Viegas

Doutora em Comunicação pela USP e professora da Universidade São Marcos

¹ Este artigo baseia-se em comunicação apresentada no 35º Encontro de Estudos Urbanos e Rurais (NAP/CERU-USP), em 2008

Resumo

Este artigo visa a refletir sobre o tema da filantropia no Bairro Ipiranga, como uma iniciativa do Grupo de Pesquisa “Ouviram do Ipiranga”. Discutem-se as raízes históricas desse tema, com fundamentação no ideário católico da época, expresso pela atuação do Conde José Vicente de Azevedo.

Palavras-chave: filantropia, Bairro do Ipiranga, Conde José Vicente de Azevedo; inclusão social.

Abstract

This article aims to reflect on the theme of philanthropy in Ipiranga neighborhood, as an initiative of the Research Group "Ouviram do Ipiranga". Discusses the historical roots of this theme, with foundations in Catholic ideas of the time, expressed by the action of Count José Vicente de Azevedo.

Key words: philanthropy; Ipiranga neighborhood; Count José Vicente de Azevedo; social inclusion.

Introdução

Na cidade de São Paulo, o Bairro do Ipiranga se projeta pela forma como a sua história criou uma dinâmica de ordenação social da realidade, a partir de uma dimensão compreensiva do conjunto expressivo de representação, particularizada num ambiente católico, na cidade de São Paulo. Em finais do século XIX, a cidade tomou novos rumos com a vinda de imigrantes. O bairro do Ipiranga acolheu, especialmente, espanhóis e sírios libaneses, e pode alojar uma realidade industrial que se tornou o centro de uma motivação urbana.

Marco fundamental nessa época foi a criação do Museu Paulista, com sua proposta de educação-instrução e modernização, fazendo emergir um centro de cultura, que influenciou pesadamente a história do bairro e da cidade. Nesse momento histórico, a obra do Conde José Vicente de Azevedo reforçou o ideário moderno do bairro, fazendo com que ele emergisse com um perfil que se foi tornando contrastante com bairros vizinhos. Mais tarde, essa dinâmica citadina estará caracterizada pela sub-região central Ipiranga, e as vizinhas Cursino e Sacomã.

A partir desse fenômeno de desenvolvimento urbano, sumariamente descrito, vários temas apareceram como significativos a pesquisadores.

No grupo de pesquisa “Ouviram do Ipiranga”, inserido no Programa em Educação, Administração e Comunicação, nível mestrado, da Universidade São Marcos, foram pesquisadas temáticas inseridas no contexto do bairro, a partir das representações culturais engendradas pelos próprios moradores.

Um dos temas que vem suscitando reflexão diz respeito à questão das várias iniciativas que reúnem investimentos culturais e assistenciais, com vistas a uma clientela marginalizada, em termos da evolução urbana da cidade.

Tratando-se de dar atendimento e educação em situações de carência sócio-econômica surgem muitas discussões teóricas. Tentam elas subsidiar os processos e suas contradições em termos psicológicos, políticos, educacionais, culturais. Na atualidade, registra-se um campo de considerações em torno da inclusão cultural inserida na construção da democracia e da cidadania.

No passado e no presente, um núcleo de serviços tornou-se central. Foi ele o alvo para a conhecida expressão “tabernáculos do Ipiranga”. Trata-se da obra do Conde José Vicente de Azevedo, realizada em do início a meados do século XX, e destinada à população carente.

Na atualidade, outras iniciativas ligadas à inclusão social expandem-se pelas sub-regiões do bairro. Desde os anos 70, surgem as ONGs que ganham expansão nas áreas ligadas à imigração nordestina (principalmente a região do Sacomã).

Entre essas ganham vulto as iniciativas da UNAS (União dos Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco), situada na antiga Favela Heliópolis.

Este artigo aborda as obras do Conde José Vicente de Azevedo, uma vez que o seu significado é prioritário para uma discussão atualizada de inclusão cultural no bairro do Ipiranga e também na cidade de São Paulo.

Raízes históricas da filantropia no universo do catolicismo

O período histórico relativo às iniciativas de filantropia no bairro do Ipiranga, por iniciativa do Conde, abrange as últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX.

O caráter transacional deste período e o contexto dos incentivos rumo à consolidação da República coexistem com um quadro de situações políticas e sociais que dão sentido às iniciativas de cunho filantrópico, da época.

Dentre essas situações merecem destaque: a separação entre o Estado e a Igreja, cessando, assim, o Real Padroado, que regeu as relações entre ambos, desde a descoberta do Brasil; a consolidação de uma Igreja romanizada, europeizante e ultramontana; a expansão do protestantismo no Brasil, principalmente com a vinda de missionários norte-americanos, que instalaram templos, escolas e obras sociais; o término do regime servil (13 de maio de 1888); a grande imigração européia e com ela a chegada dos anarquistas, que se fixaram, principalmente, na zona urbana.

Foi nesse ambiente, já bafejado pela *Rerum Novarum*, Leão XIII (1878-1913) e a *Quadragesimo Anno*, de Pio XI (1922-1939) – que objetivavam a solução da questão

operária, a partir dos princípios da caridade cristã unida, zelosamente, a justiça distributiva – que se desenvolveu a filantropia do conde José Vicente de Azevedo e seus colaboradores, exemplo de uma prática assistencialista, exercida pelos católicos da elite paulista. Tais práticas, além dos fins da caridade cristã, apresentavam evidentes propósitos de deter o avanço dos “inimigos da Igreja”: protestantes, anarquistas e “livres pensadores”, coincidindo, assim, com os princípios da Igreja ultramontana.

Desta forma, as iniciativas de filantropia ficam circunscritas no espírito dominante do catolicismo romanizado, com novas diretrizes assistenciais presentes nas Conferências Vicentinas e na Ação Católica.

São Paulo, a partir da chegada da ferrovia São Paulo Railway-SPR (1867), expandiu-se, tomou-se uma cidade progressista. Já não era mais o antigo burgo administrativo e estudantil. Surgiram novas freguesias. É o progresso graças à riqueza oriunda da cafeicultura. Além do Gasômetro, na Freguesia do Bom Jesus de Matosinhos do Brás, a indústria já se faz notar, se bem que modesta. São os bairros, então, periféricos, Brás, Cambucí, Marco da Meia Légua (Tatuapé). Mooca, Belém, Ipiranga e Barra Funda, onde se instalam os operários urbanos, mormente imigrantes, campo fértil para a ação anarquista. A este operariado urbano de origem européia, juntam-se os trabalhadores urbanos já existentes e os ex-escravos, cujas necessidades são prementes: moradores dos cortiços e dos porões, onde, geralmente, faltava água, luz, comida e vestuário, marcados, principalmente, pela insalubridade. A jornada deste operário, geralmente, era de dez horas, diárias ou mais. A união entre os trabalhadores era dificultada pelas diferentes origens e etnias dos mesmos. Os trabalhadores europeus fabris, apesar das necessidades, tinham dificuldade em se unir. Italianos, espanhóis e portugueses, tinham interesses distintos. Uma parcela desses trabalhadores estava interessada em resolver seus problemas pessoais e familiares, “fazer a América”, enquanto grande parcela dos trabalhadores fabris italianos era anarquista e interessada em promover a revolução social.

São Paulo também possuía uma grande quantidade de tripeiros, sardinheiros, amoladores, ferreiros, garrafeiros, e outras atividades ambulantes, constituídas, principalmente, por estrangeiros. A estes trabalhadores pobres juntaram-se os já existentes na cidade. A situação dos bairros operários era um celeiro fértil para as agitações, para as

reivindicações sociais. Os anarquistas editavam pequenos jornais, a maioria em língua italiana, convocando a classe operária para a revolução. O número de crianças desamparadas aí aumentou consideravelmente, e as instituições existentes, acima mencionadas, não eram suficientes para amenizar a situação.

Neste ambiente a Igreja apela à elite católica, para que atue em favor dos menos favorecidos e para que a auxilie em suas obras. Grande parte dos elementos dessa elite já pertencia a seculares irmandades paulistas: Misericórdia, Santíssimo Sacramento, Venerável Ordem Terceira do Carmo e Venerável Ordem Terceira de São Francisco, todas com tradição assistencialista.

O Conde José Vicente de Azevedo e suas iniciativas filantrópicas

Entre os elementos da elite, encontramos a figura do Conde José Vicente de Azevedo, irmão do Santíssimo Sacramento e provedor desta venerável irmandade, por vinte e dois anos². Trata-se de um indivíduo que, além das obrigações com o culto eucarístico, tão brilhantemente realizada, teve grande preocupação com a filantropia, quer como provedor, quer como simples irmão do Santíssimo e de outras associações piás, entre elas a Conferência Vicentina³. Dedicou sua vida a obras caritativas, e mesmo após a sua morte elas continuaram a existir, por intermédio da Fundação Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga. O Conde Vicente de Azevedo, acreditamos, é o paradigma da caridade católica neste período, o que não exclui outras pessoas, que inclusive colaboraram com ele em sua obra meritória.

² O Conde José Vicente de Azevedo nasceu em Lorena, então Província de São Paulo, a 7 de julho de 1859. Em 1876 veio a residir em São Paulo, onde cursou a Academia de Direito, recebendo o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em dezembro de 1882. Ingressou no Círculo dos Estudantes Católicos, foi redator-chefe de “A Reação”, órgão oficial da entidade. Deve-se a ele a criação do Cemitério do Santíssimo Sacramento (1899), após árdua luta. Foi o primeiro cemitério particular criado no regime republicano. Foram seus contemporâneos nas Arcadas: Raimundo Correa, Augusto de Lima, Júlio Mesquita, Ciro de Azevedo, Alfredo Bernardes, Guimarães Natal, Assis Brasil, José Roberto Leite Penteado, Valois de Castro e Carlos Garcia. Foi político no Império e na República, até a Revolução de 1930, quando deixou definitivamente a vida pública. Foi professor de Geografia e Cosmografia junto ao Ginásio do Estado e professor de Geografia do Curso Anexo à Faculdade de Direito.

³ Foi membro da primeira conferência Vicentina fundada em São Paulo, que se reunia no saguão do Palácio Episcopal, à Rua do Carmo. Fundou, com outros confrades vicentinos, a Segunda Conferência que se instalou junto à Matriz da Consolação.

Trata-se de um tema de interesse para a atual historiografia, uma vez que a filantropia católica é abordada num período de transição do catolicismo luso-brasileiro para o catolicismo ultramontano. Este introduziu novas diretrizes na conduta da Igreja, conduta que se fez refletir no campo da filantropia: não apenas praticar a caridade dos avoengos paulistanos, mas, numa sociedade já em mutação, prepará-la para vivenciar os novos tempos. Daí a ênfase a institutos que, além da parte assistencial, preparavam os internos profissionalmente. A Igreja conclamou o clero europeu para seus objetivos ultramontanos e assistenciais, e a elite católica para o segundo objetivo.

A elite católica, em parte monarquista, cessado o período radical do anticlericalismo republicano positivista, aderiu à República, pois republicanos, positivistas, “irmãos de avental” e “irmãos de opa”, pertenciam a uma mesma camada social.

O Estado e a Igreja, com as relações amenizadas pelo banimento dos radicais, necessitavam resolver a Questão Social. Para tanto, uniram-se contra os anarquistas, considerados um inimigo comum. Cessou, assim, diante desse dilema, a “Kulturkampf” tupiniquim. O Estado, através de subvenções, auxilia as obras assistenciais da Igreja, e a Igreja apela à elite católica que a auxilie em sua obra filantrópica, diante do avanço das idéias anarquistas e socialistas.

O catolicismo ultramontano convive com a República positivista, porque seu objetivo é *Restaurar tudo em Cristo*, e esta, aparentemente, não lhe cria mais obstáculos.

O apelo da Igreja resulta: em vilas operárias (como a Vila Maria Zélia, situada no Belenzinho), hospitais, orfanatos, asilos, escolas e outras obras filantrópicas.

Neste contexto, o doutor José Vicente de Azevedo, católico convicto, monarquista, que aceitou a República como fato consumado, deputado provincial pelo Partido Conservador, aristocrata oriundo do Vale do Paraíba, senador e deputado estadual, advogado e professor, é o paradigma da elite católica do período que estudamos, como afirmado anteriormente.

Sua obra filantrópica não foi, exclusivamente, no bairro do Ipiranga. Entretanto, nele se concentraram, na maior parte: obras destinadas a filhos de imigrantes (Orfanato Cristóvão Colombo), a filhas de ex-escravos (Orfanato Sagrada Família); a meninas de famílias, outrora abastadas (Asilo Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga); a filhos de

operários (Grupo Escolar São José); a assistência a filhos de operários (Clínicas Infantil do Ipiranga – Hospital D. Antônio Cândido de Alvarenga); além de outros estabelecimentos destinados à formação do clero (Seminário Maior do Ipiranga – FAI e Juvenato Sacramentino – atualmente, ocupado pela Unesp); e o acolhimento a deficientes visuais (Instituto Padre Chico).

Asilo de meninas órfãs e externato Nossa Senhora Auxiliadora

O Seminário das Educandas de Nossa Senhora da Glória era o único estabelecimento gratuito, existente na Paulicéia por volta de 1889. Era de caráter oficial, embora dirigido pelas Irmãs de São José de Chambéry. Resolveu, então, Dr. José Vicente de Azevedo, fundar uma instituição semelhante, mas de caráter particular. Surgiu assim, o Asilo de Meninas Órfãs e Internato de Nossa Senhora Auxiliadora, cuja pedra fundamental foi lançada, em 26 de outubro de 1890, cerimônia presidida pelo Arcipreste Dr. João Jacinto Gonçalves de Andrade, devido à ausência de D. Lino Deodato, então Bispo Diocesano. A finalidade da obra era “ministrar instrução primária, educação, prendas domésticas e profissionais, gratuitamente, a órfãs desvalidas, de preferência filhas de famílias brasileiras, outrora abastadas, e carentes. ao ensejo de recursos”⁴, amparo que se estendia às órfãs e às Irmãs que cuidassem das mesmas. Caso viessem a falecer no referido asilo, seriam sepultadas no Cemitério da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

As obras projetadas, graciosamente, pelo Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo, foram executadas pelo arquiteto Guilherme Krüg, que, com seu filho, as concluiu.

O asilo foi inaugurado, após muitas dificuldades, em 22 de novembro de 1896. A administração interna do referido asilo ficou sob a assistência das Irmãs de Maria Auxiliadora, ou Salesianas, e a sua manutenção sob a assistência da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Sé. Em 1911, a referida irmandade deixou de ocupar-se daquela instituição, e a administração então coube ao Dr. José Vicente de Azevedo. Cabe,

⁴ Franceschini, 1990.

atualmente, à Fundação Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga a manutenção do referido Asilo.

Educandário Sagrada Família

O Dr. José Vicente de Azevedo preocupou-se também com os ex-escravos e com as crianças filhas dos mesmos. Surgiu, assim, a Instituição da Sagrada Família, através do Educandário do mesmo nome, cuja origem remonta ao final do século XIX, quando existia uma capela dedicada à Sagrada Família, em terras de sua propriedade.

No dia 27 de setembro de 1900, um grupo de paulistas dirigiu-se ao Reverendíssimo D. Antonio Cândido de Alvarenga, então Bispo de São Paulo, pedindo-lhe benção e apoio, a fim de erguer as Casas da Providência. Estas casas compreendiam um Instituto de Agricultura Prática, Artes e Ofícios, para ensino de menores, filhos ou descendentes dos antigos escravos brasileiros, bem como um asilo para velhos ex-escravos, ou seus descendentes.

O Dr. José Vicente de Azevedo ofereceu para a obra das Casas da Providência um terreno na colina histórica do Ipiranga, e em 29 de setembro de 1901, no local da capela da Sagrada Família, foi lançada a pedra fundamental daquela obra.

O noticiário da época, assim escrevia: “Ele (o movimento das Casas da Providência) dirá às gerações futuras que não ficamos satisfeitos em libertar o escravo, mas trabalhamos para livrá-lo de outras escravidões, igualmente degradantes, a escravidão da ignorância, do vício, da miséria”⁵.

As irmãs das Casas da Providência receberam a obra por escrito, e foram autorizadas a angariar esmolas para mantê-la. Alegando insegurança no local, e não tendo o necessário para sua manutenção, as Irmãs da Divina Providência em 1902 retiraram-se para a Mooca. Em fevereiro de 1903 chegou a São Paulo, procedente de Santa Catarina, o padre Luís Maria Rossi, jesuíta. Entrou em contato com o Sr. José Vicente de Azevedo, e, por seu intermédio, chegaram a São Paulo as Irmãs da Imaculada Conceição, procedentes de Santa Catarina, para administrar o Instituto da Sagrada Família. A fundadora e superiora

⁵ Brida, 1983.

das irmãs era a Madre Paulina e, a partir daquele momento, as irmãs passaram a administrar a instituição.

Instituto Padre Chico

O atual Instituto Padre Chico surgiu de um projeto hospitalar idealizado pelo Dr. José Vicente de Azevedo. Ele projetou construir o Hospital D. Antonio de Alvarenga, doando um terreno no bairro do Ipiranga. A construção do nosocômio caberia à Irmandade do Santíssimo Sacramento da Sé, da qual o Dr. José Vicente de Azevedo era provedor. Lançou-se em 8 de outubro de 1906 a pedra fundamental. Os serviços do referido hospital seriam supervisionados pelas Irmãs de São José de Chambéry.

O hospital não chegou a ser inaugurado. Em 1912 o Dr. José Vicente de Azevedo deixou a provedoria da Irmandade, e seus sucessores tiveram pensamento diferente. A obra construída deu origem, em 1928, ao Instituto Padre Chico. Naquela data a Condessa de Serra Negra, D. Maria Justina de Rezende Conceição, então primeira presidente do Instituto de Cegos Padre Chico, solicitou a área para a instituição.

Clínica Infantil do Ipiranga

Maria Carmelita Vicente de Azevedo Barbosa de Oliveira, Dulce Barbosa de Almeida, e o médico pediatra Dr. Augusto Gomes de Matos, em 1931, instalaram uma sede provisória para socorrer as crianças do então bairro operário do Ipiranga.

O Dr. José Vicente de Azevedo, conhecendo a iniciativa de sua filha e de seus amigos, doou um terreno situado à Avenida Nazaré, surgindo, assim, a Clínica Infantil do Ipiranga. Impôs o doador que o hospital infantil da entidade passasse a se chamar *D. Antonio de Alvarenga*, homenagem ao antigo bispo de S. Paulo, e seu amigo.

Considerações sobre a atualidade

Considerando-se as descrições e os espaços institucionais que se projetaram através do Conde, torna-se notável o ambiente de assistência social que emerge no bairro.

Na atualidade, as iniciativas filantrópicas das entidades descritas ganham novas dinâmicas pedagógicas. Elas estão inseridas nas tecnologias atuais de ensino. Há também dinâmicas de orientação com relação aos horários e estadias nos locais. Desenvolveram-se novas concepções quanto aos períodos de funcionamento dos serviços.

As entidades sofreram influências do Estatuto da Criança (ECA) ao regulamentar a atuação de órgãos assistenciais com relação ao cuidado de crianças. Tornou-se prioritário a definição do regime de moradia nos locais os quais raramente mantiveram os regimes de internato.

Sabendo-se da nova era e da modernização que absorve a antiga obra do Conde, esta comunicação abordou a temática da filantropia considerando a definição e caracterização originária das entidades.

Bibliografia

- ALMEIDA, Fernando H. Mendes de (org.)- *Constituições do Brasil*. São Paulo: Saraiva, 1963.
- ALVES, Ana Maria de Alencar. *O Ipiranga apropriado: ciência, política e poder – o Museu Paulista, 1893-1922*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- AZEVEDO MARQUES, Manuel Eufrásio. *Apontamentos Históricos, Geográficos. Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1980.
- BARRO, Maximo & BACELLI, Roney. *História dos bairros de São Paulo*. São Paulo: Departamento Patrimônio Histórico, 1979, v. 14 – IP.
- BRIDA, Sabina Della. *Educandário Sagrada Família 80 anos*. São Paulo, 1983.
- ETCHEBÉHÈRE JÚNIOR, Lincoln. A Filantropia Católica em São Paulo nas Últimas Décadas do Século XIX e Primeiras do Século XX: O Conde José Vicente de Azevedo. *Caminhos da História*. Montes Claros: Unimontes, v. 7, n. 7, p. 155-165, 2002.

_____. *Apontamentos Históricos Universidade São Marcos*. São Paulo, Universidade São Marcos, 1995.

FRANCESCHINI, Maria Angelina V. de A., et alli *Conde José Vicente de Azevedo, sua vida e sua obra*. São Paulo: Fundação Nossa Senhora Auxiliadora, do Ipiranga, 1996, 2ª Edição.

GODOY, Marília Ghizzi. Reflexões sobre o Museu Paulista como Representação no Bairro do Ipiranga. In: *Estética USP 70 anos*. São Paulo: Programa Interunidades de Pós-graduação em Estética e História da Arte, 2004, p. 261-265.

MARTINS, Antônio Egydio, *São Paulo Antigo (1554-1910)*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1911.

SPOSATI, Aldaiza de Oliveira. *Vida urbana e gestão da pobreza*. São Paulo: Cortez, 1988.